

Através da porta entreaberta: tua estrela, meu poeta

Claudia Barbosa de Medeiros

Mestra em Literaturas Africanas – UFRJ
cbmedeiros@terra.com.br

*“A poesia está em tudo – tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas
como nas disparatadas.”*

(Manuel Bandeira)

RESUMO: A colonização portuguesa que marcou Brasil e Cabo Verde deixou um lastro de interseções culturais entre esses dois países. No processo de superar o papel de reprodutor do modelo exemplar português, a literatura, sobretudo a poesia, serviu aos dois países como instrumento de contestação e de afirmação de valores autóctones. Com a independência política assegurada, o Brasil inicia este percurso de ruptura da influência europeia e busca repercutir nas suas artes os elementos nacionais, inaugurando o Modernismo. A relevância deste movimento artístico serve de inspiração para escritores de países africanos de língua portuguesa, que ainda fortaleciam suas lutas pela independência. A partir daí, os escritores brasileiros consolidaram-se como uma referência artística para poetas africanos, especialmente os de Cabo Verde. Este artigo se propõe a investigar de que modo a produção poética do escritor cabo-verdiano Jorge Barbosa se põe em diálogo com a poesia de Manuel Bandeira. Serão consideradas as influências deste sobre aquele, examinando-as, sobretudo, nos seguintes poemas: "Carta a Manuel Bandeira", de Jorge Barbosa e "Estrela da Manhã", de Manuel Bandeira.

PALAVRAS-CHAVE: literatura cabo-verdiana; Modernismo; Jorge Barbosa.

1. Brasil e Cabo Verde: rotas cruzadas

Aproximados culturalmente pela diversidade de matrizes que formataram seus sistemas – decorrente das múltiplas influências recebidas – e pelo passado histórico comum de colonização portuguesa e escravagismo, Brasil e Cabo Verde estabeleceram em suas produções poéticas um espaço de diálogo e intercâmbio de confluências literárias. Esta interação artística fecunda se destaca nas décadas do recente século XX, sobretudo com a ascendência dos escritores brasileiros – especialmente os nordestinos – em relação aos poetas cabo-verdianos, tornando-se fontes inspiradoras de criação e de ruptura em relação ao modelo português. Tal fato literário, de relação dialógica, intensifica um laço fraterno entre os dois países, anteriormente firmado a partir de trocas de naturezas distintas – como animais, plantas, alimentos e mesmo no aspecto humano – desde o remoto século XVI, superando distâncias e processos distintos de colonização. O historiador cabo-verdiano Daniel Antônio Pereira nos diz que:

Existe um quadro de relações históricas entre Cabo Verde e o Brasil que, pela sua importância e densidade passada, importa capitalizar, reforçado pela nossa proximidade geográfica (a três horas de voo na cidade de Fortaleza, no Ceará), humana e culturalmente, onde a existência de uma língua comum de comunicação é um aspecto de relevância muito particular, o que explica, largamente, a “espontaneidade” e a “facilidade” com que os nossos dois povos convivem. Como se conhecessem desde sempre e não houvesse o mar ou a distância física a separá-los. (2011, p. 30)

As dez ilhas que compõem o arquipélago de Cabo Verde eram terras desérticas até a chegada dos portugueses, que, estima-se, se deu em meados do século XV. Entretanto, nesta época, não houve interesse de Portugal em investir na exploração do território, pois, em amplo processo expansionista, sua prioridade era prosseguir na extração e na comercialização das especiarias trazidas da Índia, o que já lhe gerava vasta riqueza. Para as ilhas africanas foram enviados emigrantes portugueses a fim de que garantissem a ocupação das terras cabo-verdianas, além de negros escravizados oriundos de diferentes etnias da vizinha Guiné-Bissau. Deste modo, favorecido pela fragmentação de seu território e pela localização dele – a quase 500 quilômetros da costa ocidental africana –, Cabo Verde teve como função prioritária, deste período e nos séculos seguintes, ser um entreposto comercial, lugar em que os navios portugueses com destino inicialmente ao Oriente e, em seguida, às Américas pudessem fazer paradas para reabastecimento e o trato das especiarias, facilitando a navegabilidade.

Este trânsito intenso de homens, acrescido pela presença de escravos trazidos de diversas regiões da África, além do distanciamento geográfico de suas terras, deu a Cabo Verde a condição de país dos mais miscigenados de todo continente e esta mistura se estende às questões culturais. Nelas, a troca e a hibridização também são aspectos preponderantes. Como exemplo há o “crioulo”, língua local constituída a partir da necessidade de comunicação entre africanos e europeus, sobretudo os colonizadores portugueses. Apesar da instituição do português como língua oficial do país a partir da segunda metade do século XIX, o crioulo continua, ainda nos dias atuais, presente como sistema de comunicação entre os moradores das ilhas. Para Carmen Tindó, estudiosa das literaturas africanas em língua portuguesa, “esse bilinguismo é, até hoje, um traço da cultura do Arquipélago” (1999, p. 11).

Tal dinâmica de saber misturar-se repercute em outros aspectos de Cabo Verde, além do biológico e do linguístico. Nas Artes, especialmente na formação da moderna literatura cabo-verdiana, em que se destaca o gênero poético, as obras se mostram marcadamente influenciadas pela produção literária brasileira. A esta altura, meados dos anos 30, os escritores procuravam se

desvincular da matriz portuguesa, tanto na forma, rompendo com as rimas e as métricas dos versos, como no tema, abordando questões tipicamente do território insular, relacionadas às denúncias das misérias por que passava o povo, às questões do meio ambiente (as longas secas e os fortes ventos) e também a busca pela construção de uma identidade cabo-verdiana que identificasse o país como um sistema cultural próprio e autônomo em relação ao império português.

Considerada o marco inicial desta nova literatura, a revista literária *Claridade* inicia sua trajetória editorial em 1936, seguindo posteriormente em mais oito publicações, mesmo sem periodicidade constante, até o ano de 1960. Influenciada pelo modernismo brasileiro, movimento artístico que simbolizava a ruptura com os padrões clássicos europeus e o reconhecimento dos atributos culturais próprios, *Claridade* apresenta poetas cujo fazer literário intencionava apresentar o que fosse uma autêntica literatura cabo-verdiana. Neste processo de renovação estética, palavras e expressões oriundas do crioulo ganhavam espaço nos versos livres dos poemas e o povo de Cabo Verde, a exaltação de seus valores e a cultura nacional eram objetos temáticos recorrentes das linhas poéticas.

Mais do que uma revista de arte, *Claridade* batiza um movimento cultural inovador, o modernismo literário de Cabo Verde, espelhado no movimento homônimo brasileiro, responsável pela emancipação literária do país. A esta altura, o Brasil já dispunha de uma experiência como nação independente de Portugal, intento também almejado por Cabo Verde, e essa autonomia política intensificava o caráter exemplar que o país latino-americano adquiria para os cabo-verdianos. Alguns escritores, inclusive, agregavam certo valor panfletário a suas obras poéticas, em favor da descolonização do território insular. Assim, os poemas tornavam-se cada vez mais um poderoso instrumento de conscientização e mobilização do povo (ou parte dele) em prol da liberdade, sobretudo nos finais dos anos 50 e nas duas décadas seguintes, época de acirramento da luta pela independência.

Claridade tem no escritor Jorge Barbosa um dos seus principais representantes. Seu primeiro livro, *Arquipélago*, publicado em 1935, um ano antes da primeira edição da revista, antecipa as emancipações formais que o movimento sistematizaria por intermédio de suas publicações. Neste papel precursor, o poeta africano se equiparia a Manuel Bandeira que, no Modernismo brasileiro, inaugurou as transformações estéticas na criação poética, como, por exemplo, o verso livre. Esta desconstrução do verso tradicional, aliás, é uma referência para

Barbosa em seus poemas, desde *Arquipélago*. Adiante, a aproximação literária entre os dois poetas seguiria a passos largos e a trajetória do escritor cabo-verdiano estaria definitivamente marcada pela presença inspiradora de Bandeira.

Nascido na ilha de Santiago, em 1902, Jorge Barbosa torna-se um poeta de destaque no cenário literário dos países lusófonos. Participa ativamente das edições de *Clareza* e também de outros periódicos e antologias tanto de Cabo Verde como de Portugal. São três suas obras publicadas: *Arquipélago*, *Ambiente*, de 1941 e *Caderno de um ilhéu*, de 1956, sua publicação de maior prestígio editorial. Nesta última, parte dela são poemas dedicados ao Brasil, cuja alusão já aparece expressa no título, como em “Carta para o Brasil”, “Você, Brasil” e “Carta para Manuel Bandeira”, e também a quem eles são dedicados (Gilberto Freyre, Ribeiro Couto), tornando matéria poética a afinidade literária entre o poeta africano e a Arte brasileira e seus expoentes.

2. Diálogo entre os poetas: uma estrela como ponto de encontro

Tendo como *corpus* investigativo os poemas “Carta para Manuel Bandeira”, de Jorge Barbosa, e “Estrela da manhã” (do livro homônimo, publicado em 1936), de Bandeira, nos deteremos, a partir de agora, na tentativa de estabelecer, literariamente, pontos dialógicos que referendem a aproximação de Barbosa com o poeta brasileiro.

No poema cabo-verdiano, o desejo maior do eu-lírico é amenizar as aflições de Bandeira na busca por sua estrela, o que fica evidente nas primeiras estrofes de cada poema:

*Eu quero a estrela da manhã
Onde está a estrela da manhã?
Meus amigos meus inimigos
Procurem a estrela da manhã*

*Ela desapareceu ia nua
Desapareceu com quem?
Procurem por toda à parte*

*Digam que sou um homem sem orgulho
Um homem que aceita tudo
Que me importa?
Eu quero a estrela da manhã*

(BANDEIRA, 1991, p. 120)

Nos enunciados líricos de “Carta para Manuel Bandeira”, o eu-poético se propõe a não deixar as asseverações, indagações e ordenações pungentes do pernambucano sem uma resposta. Além disso, se solidariza com suas aflições:

*Aqui onde estou, no outro lado do mesmo mar,
tu me preocupas, Manuel Bandeira,
meu irmão atlântico.*

*Eu faria por ti qualquer coisa impossível.
Era capaz de procurar a Estrela da Manhã
por todos os cabarés
por todos os prostíbulos.
E eu ta levaria
pura ou degradada até à última baixeza.*

(BARBOSA, 1979, p. 31)

A respeito deste tom epistolar presente no poema cabo-verdiano, e para melhor falarmos dele, destacamos as palavras de Bandeira, “a poesia está em tudo – tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas” (1984, p. 19), já mencionadas na epígrafe deste artigo, por meio das quais o poeta nos fala da presença indiscriminada da poesia na vida, tanto nos elementos ilustres como nos mais vulgares. Esta disseminação poética é ressaltada na poesia do escritor africano, na medida em que o título desloca explicitamente a obra poética para um gênero distinto, inclusive não-literário: a carta. A narratividade da primeira estrofe – que veremos a seguir – confirma, para o leitor, este matiz epistolar que parece propor Barbosa. Ao intitular um poema de “carta”, o autor, então, amplia as possibilidades de caracterização deste gênero textual (carta), agregando a ele um sentido poético. Neste jogo semântico, Jorge Barbosa corrobora a proposição bandeiriana de que “a poesia está em tudo”.

Em “Carta para Manuel Bandeira”, já nos versos iniciais, o discurso do eu-lírico se volta explicitamente para o “destinatário”, o autor de “Estrela da Manhã”, como veremos a seguir:

*Nunca li nenhum dos teus livros.
Já li apenas
a Estrela da Manhã e alguns outros poemas teus.
Nem te conheço
porque a distância é imensa
e os planos das minhas viagens nunca passaram
de sonhos e de versos.
Nem te conheço
mas já vi o teu retrato numa revista ilustrada.
E a impressão do teu olhar vagamente triste
fez-me pensar nessa tristeza
do tempo em que eras moço num sanatório da Suíça.*

(BARBOSA, 1979, p. 31)

A relação entre eles se torna gradualmente mais próxima e íntima. Se no verso inaugural o eu-lírico afirma que “Nunca li nenhum dos teus livros” e adiante diz e repete “Nem te conheço”,

ainda que tal fato seja justificado pela distância “imensa” que os separa – daí a elaboração da carta –, é a partir da adversativa “mas” (9^o verso) que a aproximação entre um e outro se intensifica. A conjunção interrompe uma sequência de termos que remetem a uma negação (“nunca”, “nenhum”, “nem”) e antecede a sequência de palavras que revela, finalmente, a presença efetiva de um vínculo entre eles, ainda que, a princípio, o conhecimento seja unilateral (“mas já vi o teu retrato numa revista ilustrada”), ou seja, apenas da parte do eu-lírico. Podemos pensar que o termo “carta” no título do poema sugere um desejo deste eu-lírico em também se fazer conhecido pelo “destinatário”, na medida em que uma carta quase sempre pressupõe um autor (com uma intenção comunicativa).

Ao ver o retrato do autor de “Estrela da Manhã”, o eu-lírico é capaz de enxergar para além da imagem, identificando, ainda que como uma “impressão”, traços tipicamente subjetivos, como o “olhar vagamente triste”. O estreitamento do laço entre eles se consolida quando, ao final da segunda estrofe, o eu-lírico trata Manuel Bandeira, seu interlocutor, por “meu irmão atlântico”, expressão que sugere um laço fraterno revestido de uma inflexão coloquial.

A partir da terceira estrofe, o eu-lírico amplifica de tal modo a relação com Bandeira, que chega a suspender qualquer limite para viabilizar o acolhimento daquela tristeza percebida:

*Eu faria por ti qualquer coisa impossível.
Era capaz de procurar a Estrela da Manhã
por todos os cabarés
por todos os prostíbulos.
E eu ta levaria
pura ou degradada até à última baixeza.*

(BARBOSA, 1979, p. 31)

Nota-se que o verso “Eu faria por ti qualquer coisa impossível.” aponta também, pela primeira vez, para presença do verbo no condicional. É deste ponto (terceira estrofe) em diante que os versos de “Carta para Manuel Bandeira” estabelecem um diálogo específico com “Estrela da Manhã” e o discurso poético de “Carta para Manuel Bandeira” incorpora ao seu texto uma resposta a Bandeira, reproduzindo, inclusive, um de seus versos (“pura ou degradada até a última baixeza”).

O eu-lírico do poema do escritor brasileiro busca tal estrela, a quer em quaisquer condições (“Digam que sou um homem sem orgulho / Um homem que aceita tudo / Que me importa? / Eu quero a estrela da manhã”), por isso seu discurso é construído num tom de súplica e

indiscriminadamente a todos que possam ouvi-lo, amigos e inimigos. Para o seu discurso, há, inclusive, a esperança de que a própria estrela seja uma ouvinte:

*Três dias e três noites
Fui assassino e suicida
Ladrão, pulha, falsário*

*Virgem mal-sexuada
Atribuladora dos aflitos
Girafa de duas cabeças
Pecai por todos pecai com todos*

*Pecai com malandros
Pecai com sargentos
Pecai com fuzileiros navais
Pecai de todas as maneiras
Com os gregos e com os troianos
Com o padre e o sacristão
Com o leproso de Pouso Alto
Depois comigo*

(BANDEIRA, 1991, p. 120)

A procura aflita e obstinada por seu “objeto” de desejo conduz o eu-lírico a um estado de fragilidade extrema, quase humilhação, em que por “três dias e três noites” se transforma em identidades marginais e desprezíveis, além de permitir que sua estrela peque com todos “de todas as maneiras”, inclusive com o leproso, desde que depois peque também com ele, agregando ao seu enunciado uma conotação erótica.

A interpretação do que representa a tal estrela é múltipla. A mulher amada, talvez, ou ainda a juventude, a vida, a morte e até mesmo a própria poesia. O poema de Jorge Barbosa sugere ser uma mulher, possivelmente prostituta, pois, no afã de encontrar a estrela da manhã e entregá-la a Bandeira, o poeta faz a sua busca em cabarés e prostíbulos. Tal proposição entra em consonância com a ideia implícita na 5ª e na 6ª estrofe do poema brasileiro (da citação anterior, as duas últimas).

Jorge Barbosa personifica na figura do autor Manuel Bandeira as aflições do eu-poético de “Estrela da Manhã” e, disposto a fazer “qualquer coisa impossível” por aquele ser do “olhar vagamente triste”, principia, no seu discurso poético, uma sucessão de ações, realizadas inicialmente por um, depois por outro, em que conjectura um encontro com Bandeira e entrega a ele sua tão desejada estrela da manhã:

*Eu faria por ti qualquer coisa impossível.
Era capaz de procurar a Estrela da Manhã
por todos os cabarés
por todos os prostíbulos.
E eu ta levaria
pura ou degradada até à última baixeza.*

*Bateria de manso
à porta dos apartamentos de poeta solitário
ali na Avenida Beira Mar do Rio de Janeiro
Terias qualquer pressentimento
porque se fosses pôr a vitrola a funcionar
riscarias o disco,
se estivesse a escrever na máquina portátil
deixarias o poema no meio.*

E virias abrir-me a porta.

*Então
sem qualquer palavra
passar-te-ia a Estrela da Manhã.*

(BARBOSA, 1979, p. 31)

Esta sequência é marcada pela presença recorrente do verbo no condicional, como podemos constatar: “Eu faria”, “eu ta levaria”, “Bateria de manso”, nas ações de Jorge Barbosa e, em decorrência, “Terias”, “riscarias o disco”, “deixarias o poema no meio”, “virias abrir-me a porta”, nos atos de Bandeira. A recorrência do condicional parece indicar que esta reunião entre eles se deu apenas no nível da imaginação, não se realizou de fato.

Entretanto, ainda que construído sob uma atmosfera onírica, o encontro é pomposo: de um lado, o eu-lírico do poema cabo-verdiano ao se aproximar do poeta o faz de forma bastante respeitosa (“Bateria de manso”), Bandeira, por sua vez, teria “qualquer pressentimento” sobre a importância da presença do outro a ponto de interromper suas ações, mesmo que estivesse a escrever um poema. O encontro entre os dois dispensa palavras, pois a “Estrela da Manhã”, entregue finalmente ao poeta, discursa por si. Não há cumprimentos, nem despedidas, como se não houvesse tido nem chegada, nem partida.

Na última estrofe de “Carta para Manuel Bandeira”, o eu-lírico, mantendo ainda o caráter hipotético do encontro, expressa o seu sentimento de missão cumprida, após ter posto a estrela sob os domínios de Bandeira:

*Depois voltaria tranquilamente para a minha ilha
no outro lado do Atlântico.
E traria saudades do teu sorriso sem ressentimentos
sem orgulho*

Sem abandonar o condicional, portanto, sem interromper o sonho, o poeta cabo-verdiano retorna, então, a sua ilha e traz nas fantasias da memória o sorriso de Manuel Bandeira, amainando, quem sabe, a impressão do início do poema, de um ser com um “olhar vagamente triste”. Captado no breve espaço da porta entreaberta, no vácuo da passagem da estrela da manhã, o sorriso é um instante e o encontro entre os dois poetas, uma epifania necessária.

REFERÊNCIAS:

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. **Humildade, paixão e morte**: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BANDEIRA, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

BARBOSA, Jorge. **Caderno de um ilhéu**. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, Divisão de Publicações e Biblioteca, 1979.

PEREIRA, Daniel A. **Das relações históricas Cabo Verde - Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. **Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX**: volume II: Cabo Verde. Rio de Janeiro: UFRJ, Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras Vernáculas e Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, 1999.

LEÃO, Ângela Vaz (Org). **Contatos e ressonâncias**: literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.